

ESPORTES

correio braziliense.com.br/esportes - Subeditor: Marcos Paulo Lima E-mail: esportes.df@dabr.com.br Telefone: (61) 3214-1176

Supercopa Feminina

Bahia e Cruzeiro se enfrentam, hoje, às 19h, pelas quartas de final da Supercopa Feminina. Os duelos da fase são em jogo único. Em caso de empate, as vagas às semifinais serão decididas nos pênaltis. O SporTV3 transmite. O Distrito Federal é representado na competição pelo Real Brasília. Amanhã, às 16h, as Leões do Planalto recebem o Flamengo no Bezerrão, no Gama, com transmissão da TV Globo. No mesmo horário, o Corinthians visita o Grêmio.



Esporte nacional tem apenas cinco mulheres em cargos de alto escalão entre mais de 100 clubes, federações e confederações. Saiba como Leila Pereira, Yane Marques, Michelle Ramalho, Magali Moreira e Cristiane Kajiwara reforçam a luta por igualdade

Contra a misoginia

DANILO QUEIROZ

Em qualquer 8 de março, tal qual como hoje, se faz necessária uma reflexão sobre como a sociedade, em termos gerais, evoluiu para alçar as mulheres ao devido e merecido lugar em todos os âmbitos desbravados por elas. No esporte, isso não é diferente. Ano a ano, a força feminina é ampliada nas mais diversas modalidades, com o intuito de recuperar os prejuízos causados pelo atraso social provocado pela misoginia. Em meia a avanços e retrocessos (esses, na maioria das vezes, mais flagrantes), a luta para exercer o empoderamento em cargos de alto escalão de clubes e entidades ainda é desleal.

O Correio traçou um panorama da atuação feminina em cadeiras de presidência dos clubes da Séries A e B do Campeonato Brasileiro, das entidades filiadas ao Comitê Olímpico do Brasil (COB) e das federações estaduais ligadas à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para evidenciar o fato. Apesar de ser maior em comparação com outros anos, a presença das mulheres nas funções ainda engatinha no país. De 104 postos possíveis, elas aparecem apenas em quatro: Leila Pereira é mandatária do Palmeiras; Cristiane Maekawa Kajiwara lidera o futebol americano no país; Magali Moreira dita os rumos do remo; e Michelle Ramalho comanda a direção da bola na Paraíba. Elas são reforçadas por Yane Marques, recém-eleita vice-presidente do COB.

Em segundo mandato à frente de um dos clubes mais vitoriosos do futebol brasileiro, Leila Pereira lidera o pelotão do empoderamento no alto escalão esportivo do país. Ciente da importância na função, a palmeirense não se omite em posicionamentos e ações para edificar a necessária presença da mulher em funções do tipo. De falas de defesa até a



convocação de uma coletiva de imprensa guiada apenas por repórteres do sexo feminino, a empresária de 60 anos ergue a voz

em prol da igualdade. "Se tivessem mais mulheres, o futebol estaria muito melhor. E não existem por falta de oportunidades. Só eu

sei o que passei para estar no cargo que ocupo hoje. Precisei lutar muito mais do que um homem para ser presidente", afirmou, em

entrevista ao programa Roda Viva. Assim como Leila, a voz de Michelle Ramalho tem força nas discussões para ditar o rumo do

futebol brasileiro. Há sete anos, ela é a única mulher entre os presidentes de federações estaduais do país. Há quem a conheça pela presença na comitiva presente no anúncio do Brasil como sede da Copa do Mundo de 2027, mas ela se destaca, mesmo, pelo protagonismo em um ambiente historicamente ocupado por homens. "Houve a tentativa de diminuir o meu papel. Por isso, eu digo a importância de se qualificar. Passar que não é apenas uma mulher, que não é uma carinha bonita e que passa desfilando. Estamos cumprindo o nosso papel. O que eu sinto é um certo machismo", reforçou.

Neste ano, o COB também ganhou uma mente feminina para fortalecer o esporte olímpico do país. Multicampeã no pentatlo moderno, Yane Marques empresta a competência em prol da evolução da entidade nacional. "Pela primeira vez, vamos ter uma mulher vice-presidente do COB. Eu digo que peguei a maçoneta, quebrei e joguei fora. Agora, a porta está aberta. Quando a gente se prepara e quer, temos a confiança que precisamos para estar nos lugares normalmente ocupados por homens. Meu coração era metade coragem e metade medo. Eu estou agarrada no meu lado corajoso", destacou, durante a posse da nova gestão.

Entre as 38 entidades filiadas ao COB (cinco estão em processo de entrada), Yane terá duas parceiras. Atuante no futebol americano do país, Cristiane Maekawa Kajiwara preside a CBFA e é responsável pelo flag football, nova modalidade olímpica do programa de Los Angeles-2028. Esporte enraizado na trajetória do Brasil nos Jogos, o remo atualmente é guiado por Magali Moreira. Os exemplos de mulheres no topo de gestão do esporte ainda caminham a passos lentos e estão longe da quantidade ideal. Porém, se depender apenas da fibra e da força de vontade delas, o futuro há de ser muito mais igualitário.

RACISMO

Palmeiras, CBF e Fifa por Luighi

VICTOR PARRINI

Enquanto o Brasil engatinha para colocar mulheres no topo da pirâmide da gestão esportiva, a América do Sul reforça o atraso social com reiterados casos de racismo. O futebol é a modalidade de mais manchada. O capítulo mais recente da triste história foi escrito na quinta-feira, durante a vitória do Palmeiras por 3 x 0 sobre o Cerro Porteño, fora de casa, pela Libertadores Sub-20. O meia Figueiredo, 19 anos, e o atacante Luighi, 18, foram alvos de xingamentos e gestos racistas de torcedores paraguaios.

Ontem, a apresentação do atacante Vitor Roque no Palmeiras foi pautada pelo assunto. A presidente Leila Pereira criticou a postura do árbitro ao não paralisar a partida após as denúncias de racismo e afirmou que pedirá a expulsão do time paraguaio da Libertadores Sub-20. "Ele não cumpriu uma determinação da Fifa. Vamos requisitar a exclusão do Cerro Porteño da competição. Não é a

"Tentei falar com o presidente da Conmebol e não consegui. É um tema grave. Não é a primeira vez que a Conmebol está sendo displicente"

Leila Pereira, presidente do Palmeiras

primeira vez que esse clube ataca nossos atletas", destacou.

A cartola alviverde se referiu aos casos em 2022 e 2023. Três anos atrás, torcedores do Cerro imitaram macaco em direção aos do Palmeiras. Na temporada seguinte, jogadores foram hostilizados. O meia Bruno Tabata se revoltou e foi suspenso por quatro meses pela Conmebol.

O discurso de Leila Pereira foi

endossado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). A instituição pediu a exclusão do Cerro Porteño do torneio e solicitou à Fifa acompanhamento do processo e mais rigor nas punições. Presidente da entidade máxima do futebol, Gianni Infantino demonstrou indignação com o episódio. "É de partir o coração ver um jovem jogador ser levado às lágrimas por um comportamento tão vergonhoso. O futebol deve ser um espaço de respeito, inclusão e união - e tudo começa com os jovens e a base. A Fifa se mantém firme na luta contra o racismo. Nosso compromisso vai além das palavras", escreveu.

Principal ativista antirracista do futebol, o atacante Vinicius Junior se solidarizou com Luighi. "Parabéns pelo posicionamento, mano. É triste, mas fique forte. Vamos juntos nessa luta. Até quando, Conmebol? Vocês nunca fazem nada. NUNCA!!!!", escreveu o camisa 7 do Real Madrid, nas redes sociais.

O Palmeiras lida com casos

Cesar Greco/Palmeiras



Luighi é uma das joias do alviverde: três gols e três assistências em 2025

de racismo em um curto espaço de tempo. Antes das ofensas a Figueiredo e Luighi, um segurança do clube foi chamado de "lixo" e de "macaco velho" pelo vice de São José do Rio Preto (SP), Fábio Marcondes, após o jogo contra o Mirassol.

Leila sugeriu união de clubes para acabar com o racismo no futebol. "Começamos a conversar com os clubes para determinar regras que, se não forem cumpridas, eles não participam das competições. Não esqueçam que, nos últimos anos, a hegemonia na Libertadores é do Brasil, e temos que mostrar essa força nos bastidores", frisou.

A entidade sul-americana emitiu nota na qual garante o cumprimento de medidas. Apesar do posicionamento, Leila foi ignorada pela instituição. "Tentei falar com o presidente da Conmebol (Alejandro Domínguez) e não consegui. Foi desagradável, é um tema grave, não é a primeira vez que acontece e a Conmebol está sendo displicente", lamentou.

"Nenhuma provocação pode levar a esse tipo de acontecimento condenável", publicou o Cerro Porteño.